

INTERFACES DA EDUCAÇÃO

Glória Anzaldúa em *Borderlands/La Frontera*: língua, identidade, cotidiano

Glória Anzaldúa in Borderlands/La Frontera: language, identity, everyday life

I am a border woman. I grew up between two cultures, the Mexican (with a heavy Indian influence) and the Anglo (as a member of a colonized people in our own territory). I have been straddling that tejas – Mexican border, and others all my life. Hatred, anger and exploitation are the prominent features of this landscape. (ANZALDÚA, 2012, p.18)¹

Carlos Vinicius da Silva Figueiredo²

Vera Lucia Harabagi Hanna³

Resumo

O contexto histórico-cultural e literário de grande produtividade nos Estados Unidos tem fomentado intensivamente as literaturas imigrantes e de identidades em trânsito que proporcionou a criação de uma obra como *Borderlands/La Frontera: the new mestiza* (1987), de Gloria

¹ Tradução livre: Eu sou uma mulher da fronteira. Cresci entre duas culturas, a mexicana (com uma grande influência indígena) e a Americana (como um membro de um povo colonizado em nosso próprio território). Eu tenho me empenhado em tejas - fronteira com o México, e outras toda a minha vida. Ódio, raiva e exploração são as características proeminentes desta paisagem.

² Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul e Diretor Geral Pro-Tempore do IFMS Campus Dourados. E-mail: carlos.figueiredo@ifms.edu.br

³ Pós-doutora pela Brown University, Providence, Rhode Island, USA. Doutora na Área de Historiografia Linguística do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestre pelo Programa de Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie. professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie e atua no Curso de Graduação em Letras do Centro de Comunicação e Letras da UPM com disciplinas sobre Metodologia de Ensino de Língua Inglesa, Cultura dos Povos de Língua Inglesa e Estudos Culturais.

Evangelina Anzaldúa, dando ensejo ao surgimento de um rótulo em particular - o de literatura chicana - resultante do solo cultural da fronteira México- Estados Unidos. O objetivo principal deste artigo é analisar *Borderlands/La Frontera* em sua 4^a edição (2012), comemorativa dos vinte e cinco anos de sua publicação, nos aspectos de língua, identidade e cotidiano, representantes de um contexto sociocultural que ultrapassa aquela demarcação, chegando à realidade da América Latina, e por extensão, àqueles que vivem o entre-lugar fronteiriço. Em diálogo com as reflexões de Mignolo (2003) e Santiago (2000) observa-se que a autohistoria da chicana Gloria Anzaldúa materializa-se nas histórias de muitos outros que reinvidicam o direito ao grito.

Palavras-chave: *Borderlands*. Fronteiras. Identidade. Cotidiano.

Abstract

*The literary and historical-cultural context of enormous productivity in the United States has encouraged immigrant and in-transit identity literatures and books such as *Borderlands/La Frontera: the new mestiza* (1987) written by Gloria Evangelina Anzaldúa; in doing so, a particular label came to life - the Chicana literature - as a result of the cultural ground of the Mexican-American border. The aim of this paper is to analyse *Borderlands/La Frontera*, 4th edition (2012) which celebrates the 25th anniversary of its publication from the language, identity and everyday life perspective representing a sociocultural context that exceeds that frontier, moving closer to the reality of Latin America and those who live in-betweenness. In a close dialogue with Mignolo (2003) and Santiago (2000) the study tries to observe how Gloria Anzaldúa's autohistoria can become real in many people's stories, especially in those who claim the right to cry.*

Keywords: *Borderlands*. *Borders*. *Identity*. *Everyday life*.

“*I am a border woman*”⁴. Essa é a forma com que Gloria Anzaldúa se caracteriza no prefácio da primeira edição de seu livro *Borderlands/La Frontera*(1987). A definição expõe, desde o início da obra, o *locus* cultural e enunciativo da autora chicana que procurou dar voz aos excluídos da sociedade. Este artigo tem por objetivo abordar questões referentes à biografia da escritora Gloria Evangelina Anzaldúa

⁴ Tradução livre: Eu sou uma mulher de fronteira.

em diálogo com a narrativa de *Borderlands/La Frontera* como representante do que ela denomina ‘autohistoria’⁵.

Gloria Evangelina Anzaldúa, teórica chicana feminista, deu voz às ‘mulheres de cor’, termo utilizado por Bowen (2010), conforme se observa no excerto abaixo, destacando-se no discurso dominante da academia por argumentar temas como exílio, ‘homeland’ e discurso *queer*, além de promover uma ligação entre o cotidiano - atos de resistência do dia-a-dia - e a possibilidade de produzir mudanças estruturais.

[...] seus escritos sobre exílio, terra natal, feminismo, e teoria *queer* ajudaram a marcar a entrada das mulheres Chicanas na literatura e nos estudos de comunicação. O trabalho de Anzaldúa tem o potencial de ajudar os teóricos e estudiosos de movimentos sociais a se tornarem mais sensíveis aos esforços e à retórica implícita nas teorias de mulheres de cor. Ela também oferece ligação entre trabalho de cultura, atos de resistência do dia-a-dia e uma grande mudança estrutural (BOWEN, 2010, p. 4)⁶

A escrita social, evidenciada em sua obra, move a produção desta análise, em que vida e obra se confundem, formando um projeto intelectual que ultrapassou as fronteiras entre México-Estados Unidos.

Mulher, feminista, lésbica, chicana, ativista e escritora, Anzaldúa foi uma intelectual pública comprometida com seu tempo. Nascida no dia 26 de setembro de 1942, na cidade de Raymondville, Texas, EUA, a escritora é a sexta geração chicana de sua família. Filha de imigrantes mexicanos, viveu próximo à fronteira dos Estados Unidos e México, na cidade de Jesús Maria, passando sua infância em Rio Grande Valley, no Sul do Texas. Fatos marcantes de sua vida pessoal, como o de

⁵ O conceito de ‘autohistoria’ foi utilizado por Anzaldúa para descrever o gênero de escrita pessoal e também uma história coletiva que utiliza elementos ficcionais; trata-se de uma espécie de *memoir*, mesclada com história, com mitos narrativos e com outras teorias de escritas autobiográficas que incluem não só história de vida, mas também processos de escrita (KEATING, 2009).

⁶Tradução livre: [...] her writings on exile, homeland, feminism, and queer theory helped mark the entrance of Chicana women into the literature of communication studies. Anzaldúa’s work has the potential to help rhetoricians and social movement scholars become more sensitive to the struggles and implicit rhetorical theories of women of color. She also offers a connection between culture work, everyday acts of resistance, and larger structural change.

estabelecer-se à margem, são reconhecidos em sua obra, retratados em um espaço cultural e político onde indivíduos subalternos têm lugar e representação. Cruzar fronteiras (conceito de *border*), estar no limite, viver em um cenário em que os sujeitos cruzam constantemente fronteiras de identidade nacional, étnica, sexual, linguística implica um caráter transitório, indefinido na formação da individualidade social e cultural, resulta instabilidade identitária.

Observa-se que, por respeitar seu projeto de escrita e de vida, Anzaldúa lutou por um movimento de renovação e reconhecimento dentro e fora da academia. O fato de promover uma escrita partindo do ser e não do representar o sujeito subalterno, credencia a produção da escritora como integrante de um processo de descolonização da academia.

O contexto de cruzamento de fronteiras, como uma das experiências da globalização contemporânea, marcado pelo desarraigamento irregular das relações sociais e por processos de destradicionalização, dialoga com vários capítulos do livro *Borderlands/La Frontera*, no que diz respeito ao problema linguístico-cultural; o capítulo V “*Howtotame a wildtongue*” (“*Como domar uma língua selvagem*”) iniciará a análise. Anzaldúa narra seu contexto linguístico enquanto criança chicana imersa na cultura americana; conta também sobre as experiências de exclusão e segregação dentro da escola. Observa-se no texto uma crítica explícita acerca da tradição do silêncio daqueles que não falam perfeitamente a língua inglesa que, por sua vez, tornam-se excluídos de bons empregos e oportunidades, preocupação constante dos familiares como se constatará adiante.

O capítulo tem início com uma narrativa em primeira pessoa, na qual a personagem está em um consultório odontológico. A narradora manifesta o incomodo do dentista em relação à língua inquieta da personagem: “Nós vamos ter de fazer algo sobre sua língua [...] Eu

nunca vi algo tão forte ou tão teimoso.” (ANZALDÚA, 2012, p. 75)⁷ A fala provoca imediatamente um desejo de resposta e, acima de tudo, a personagem quer ter o direito de fazê-lo na língua nativa de sua família. O termo ‘*tongue*’, utilizado pelo dentista, pode se referir, em inglês, à língua, órgão muscular recoberto de mucosa, situado na boca, ou à língua, instrumento de comunicação. Anzaldúa usa o termo com sentido duplo ao caracterizar a língua da personagem como forte e teimosa, e ascende a discussão sobre o direito e o respeito às línguas faladas na fronteira. Na sequência, a personagem se questiona: “E eu penso, como se doma uma língua selvagem, treina-a para ficar quieta, como você coloca freio e sela? Como você a faz retroceder?” (ANZALDÚA, 2012, p. 75)⁸. A metáfora demonstra que a teimosia em manter a língua forte e em constante movimentação significa para a personagem continuar viva; Anzaldúa questiona os mecanismos utilizados pela cultura dominante, no caso específico, a estadunidense, para silenciar e moldar o discurso do outro, revelando, ainda, a questão identitária a partir da escolha do idioma na condição de ser fronteiro e o que isso representa nos usos e costumes, na maneira de ser do indivíduo.

Ressalte-se na sequência narrativa, passagem relativa à imposição linguística, no ambiente escolar. Naquele contexto, os estudantes que não se comunicassem em língua inglesa muitas vezes recebiam punições.

Lembro-me de ser pega falando espanhol no intervalo das aulas, isto fora suficiente para três batidas sobre os nós dos dedos com uma régua afiada. Lembro-me ter sido enviada para o canto da sala de aula por ‘responder’ à professora Americana, quando tudo o que eu estava tentando fazer era dizer como pronunciar o meu nome. ‘Se você quer ser americana, fale ‘americano’. Se você não gosta deste país, volte para o México, pois lá é o lugar a que pertence’. (ANZALDÚA, 2012, p. 75)⁹

⁷ We’re going to have to do something about your tongue [...] I’ve never seen anything as strong or as stubborn.

⁸ And I think, how do you tame a wild tongue, train it to be quiet, how do you bridle and saddle it? How do you make it lie down?

⁹ I remember being caught speaking Spanish at recess - that was good for three licks on the knuckles with a sharp ruler. I remember being sent to the corner of the

O texto remonta à opressão vivida pelos estudantes chicanos, ensinados por professores americanos, ao serem pegos falando espanhol em sala de aula. A fala "Se você quer ser americana, fale 'americano'. Se você não gosta deste país, volte para o México, lugar que você pertence"¹⁰ deixa explícita a insatisfação e a inaptidão da professora diante de uma questão linguístico-cultural. Ao punir gravemente a aluna, repreendê-la por não falar inglês, ou melhor, por não falar a língua local, o 'americano', e ameaçá-la com a volta para o México, "*pois lá é o lugar a que pertence*", Anzaldúa (2012) exhibe na voz da professora a reprodução de racismo e discriminação que sofreu durante sua vida - o sentimento de não-pertencimento, enfatizado naquela intimidação. Está ali representado o oposto do conceito de *belonging* que abrange a crença dos indivíduos ao imaginarem-se como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações - uma comunidade de sentido. O sentimento de pertencimento que significa 'mesmidade', contudo, sofre contradições dentro dos próprios lares mexicanos, como se verá a seguir.

Observa-se, no cotidiano familiar, em conversa da personagem com sua mãe, em um misto de inglês e espanhol, o oposto do que se notou nos dois fragmentos quanto à preservação da identidade e da língua, "Eu quero que você fale inglês. Para conseguir um bom trabalho, tem que falar bem inglês, de que vale toda a sua educação se fala inglês com 'sotaque'. Minha mãe dizia que tinha muito medo de que eu falasse inglês como uma mexicana" (ANZALDÚA, 2012, p. 75- 76).¹¹ O diálogo traz à tona a preocupação familiar em esconder o traço mexicano das crianças, pois os pais sabiam que, naquele momento, a melhor alternativa para que os filhos pudessem se integrar à sociedade

classroom for "talking back" to the Anglo teacher when all I was trying to do was tell her how to pronounce my name. "If you want to be American, speak 'American'. If you don't like it, go back to Mexico where you belong

¹⁰ If you want to be American, speak 'American'. If you don't like it, go back to Mexico where you belong.

¹¹ I want you to speak English. Pa' hallarbuentrabajotienes que saber hablarel inglés bien. Qué vale toda tu educación si todavía hablas inglés com um 'accent', my mother would say, mortified that I spoke English like a Mexican.

estadunidense e ter oportunidades de trabalho, seria falar inglês sem sotaque mexicano, “*Minha mãe dizia que tinha muito medo de que eu falasse inglês como uma mexicana.*”

A cultura estadunidense de várias formas se faz presente no modo de pensar a vida e sua relação direta com o trabalho dos chicanos, pois, sem esse envolvimento, aqueles que fazem parte do mundo periférico são esquecidos, têm poucas ou quase inexistentes condições de acesso à renda ou condições de subsistência. Como seria possível pensar em discutir a cultura do centro em um estado pertencente ao centro? O contexto ora apresentado, sobre o processo de divisão territorial, dialoga com inúmeras indagações, como por exemplo, a região sudoeste dos Estados Unidos, ainda na contemporaneidade, sofre com as diferenças culturais dos povos, mesmo depois de mais de duzentos anos da Batalha do Álamo. A(s) cultura(s) do povo chicano, mexicano, texano e estadunidense se faz(em) presente(s) em cada praça, restaurante ou museu que se possa visitar na região. O fato de Anzaldúa retratar em seu texto a separação das línguas e, por sua vez, a segregação pelo não domínio da língua inglesa, materializa, em sua obra, o “roçar entre as culturas” e o quanto ainda se pode discutir as formas de hegemonia¹², nas culturas e identidades periféricas, que lutam para sobreviver nos Estados Unidos e por extensão, na América Central e Latina. Cita-se, acerca desse silenciamento/apagamento identitário-cultural, a relação de poder no ambiente de trabalho da fronteira, pois implica pensar também nas identidades que devem ser estabelecidas para permanência nesse lugar; verifica-se nas palavras da autora que, para se manter o emprego, há a conveniência de um quase total aniquilamento da identidade chicana. Trata-se, nesse sentido, de

¹² Sobre o termo dominação utilizado neste trabalho, exemplifica-se tal ação por meio de matérias jornalísticas como *US-Mexicoborderhasproblems, but a wallisn'tone*. Disponível em: <<http://www.tucsonnewsnow.com/story/33428912/us-mexico-border-has-problems-but-a-wall-isnt-one>>. Acesso em: 07mar 2017. Outro exemplo: *Bordertensionrisesbetween US andMexico*. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/d5e22c36-0f45-11da-8b31-00000e2511c8>>. Acesso em: 07mar. 2017.

outra forma de se materializar o impacto da cultura do centro ao ultrapassar o lugar geográfico e se manifestar nos modos de agir e pensar dos indivíduos para a manutenção da sobrevivência.

Destaca-se, dessa reflexão, que a identidade chicana está associada à fragilidade de caráter e confiança, haja vista que o contexto pode levar a se ajuizar, que um bom trabalhador tenha como características principais a fluência em língua inglesa, seja branco e do sexo masculino. Percebe-se, nos termos de Anzaldúa que, no contexto fronteiriço entre E.U.A. e México, o pensar se dá sempre a partir do que é estabelecido como apropriado pelo centro, ou seja, o país que oferece o emprego e melhores condições de vida.

Ao trazer essa reflexão para o contexto latino-americano, nota-se que essa ascendência, narrada por Anzaldúa, não se trata apenas das relações de poder vivenciadas pelo trabalho, mas, sim, da imposição da cultura e identidade estadunidense, como forma de estabelecimento do colonizador. Nota-se, no texto anzaldúano, a luta pela manutenção da identidade e tradição chicana, um movimento para descolonizar o seu leitor, permitindo que a herança cultural, a história e a identidade desses povos sejam respeitadas.

A guinada proposta por Anzaldúa, é a de resgatar histórias locais e identidades perdidas e, além disso, repercutir no pensar e agir de cada um que vive ou viveu no entre-lugar da fronteira. O texto anzaldúano encontra eco nas palavras de Walter Mignolo (2000), quando o autor discute sobre o pensamento fronteiriço. Para ele,

O pensamento de fronteira torna-se, então, a epistemologia necessária para desvincular e descolonizar conhecimentos e, no processo, para construir as histórias locais coloniais, restaurando a dignidade que a ideia ocidental da história universal se esqueceu de milhões de pessoas. (MIGNOLO, 2000, p. x)¹³

¹³ Border thinking becomes, then, the necessary epistemology to delink and decolonize knowledge and, in the process, to build de colonial local histories, restoring the dignity that the Western idea of universal history took away from millions of people.

O autor continua apontando que a retirada dessa dignidade significa que toda a esfera da vida foi uma tentativa de moldar o modo de ver das pessoas, em uma ideia suprema de pensamento único; em outras palavras, da perpetuação do pensamento hegemônico do Ocidente na vida e cultura dos povos. Tal afirmação dialoga com Santiago (2000) quando estabelece reflexão no âmbito da América Latina; para o autor, a América transforma-se em *cópia*, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo *original*, mas em sua origem, apagada completamente pelos conquistadores. Ou seja, encontra-se nas palavras de Santiago o subalterno (colônia) sempre à margem da produção cultural da metrópole pensante (hegemônica).

Mignolo defende a importância de se refletir sobre a construção cultural nos países colonizados, respeitando seus próprios intelectuais. Para ele, “o terceiro mundo produz não apenas ‘culturas’ a serem estudadas por antropólogos e etno-historiadores, mas também intelectuais que geram teorias e refletem sobre sua própria história e cultura.” (MIGNOLO, 2003, p. 26)

Retornando à análise de *Borderlands*, perturbadoras lembranças da narradora se destacam na escolha do idioma em que se expressaria, em situações diversas, já que receava ser corrigida, criticada, menosprezada ao usar uma língua que pudesse ser classificada de ‘errada’. Segundo ela, “[...] na infância nos é dito que a nossa língua é errada. Repetidos ataques a nossa língua nativa diminuem nossa autoestima. Os ataques continuam ao longo de nossas vidas (ANZALDÚA, 2012, p. 80).¹⁴ É em um ambiente de discriminação linguística e étnica que Anzaldúa reflete sobre os diferentes mecanismos de defesa utilizados pelos chicanos/mestiços quando estão em contato com latinos e norte-americanos: “[...] usamos nossas diferenças linguísticas

¹⁴ [...] in childhood we are told that our language is wrong. Repeated attacks on our native tongue diminish our sense of self. The attacks continue throughout our lives”.

uns contra os outros.”¹⁵, pois essa é a forma que encontram de proteger e marcar seu lugar cultural.

A língua se torna algo tão expressivo na cultura e identidade da figura mestiça que a personagem se sentirá verdadeiramente deprimida, e lhe causará grande sofrimento se “sua língua” (“*mylanguage*”) receber qualquer ofensa, “*So, if you want to really hurt me, talk about my language. Ethnic identity is twin skin to linguistic identity - I am my language*”, a narradora assevera que identidade étnica e identidade linguística são absolutamente indissociáveis: “*eu sou a minha língua*”. Examine-se a citação:

Então, se você quiser realmente me ofender, fale sobre a minha língua. A identidade étnica é irmã-gêmea da identidade linguística. Eu sou a minha língua. Até que eu possa ter orgulho na minha língua, eu não posso ter orgulho de mim mesma. [...] E enquanto eu tiver que me adequar aos falantes de inglês, em vez deles, a minha língua será ilegítima. (ANZALDÚA, 2012, p. 81)¹⁶

As palavras de Anzaldúa ecoam e tocam no cerne da identidade mestiça, na experiência de “estar dentro e estar fora”, pois o processo diaspórico em relação à identidade começa na rejeição e na exclusão da língua. Contudo, prevalece, no discurso da autora, um desejo de união, manifestada pela diversidade cultural que une vários povos. Na esteira de Santos & Kudo, concorda-se que,

[...] nesse território em que vozes são silenciadas, a de Anzaldúa ecoa em sua obra mostrando a representatividade da língua como parte da identidade de um povo híbrido, que rompe as barreiras do ‘eu mexicano’, mas que também nega a identidade de ‘norte-americanos’ (SANTOS; KUDO, 2012, p. 141)

Como resultado dessa disputa, os habitantes da fronteira devem ter a habilidade de adaptação de seus discursos para que sobrevivam em seus empregos e nas próprias relações cotidianas. Nessa conjuntura

¹⁵ [...]we use out language differences against each other.

¹⁶ So, if you want to really hurt me, talk about my language. Ethnic identity is twin skin to linguistic identity - I am my language. Until I can take pride in my language, I cannot take pride in myself. [...] and as long as I have to accommodate the English speakers rather than having them accommodate me, my tongue will be illegitimate.

de junção de vários idiomas, vários códigos, de novos ingleses, como por exemplo o ‘*SpanGLISH*’, o ‘*Tex-Mex*’, Anzaldúa afirma que A mudança de ‘códigos’ [...] do inglês para o espanhol castelhano para o dialeto norte-mexicano para Tex-Mex para aspersão do Náhuatl para uma mistura de todos estes, reflete minha linguagem, uma nova linguagem - a linguagem da fronteira.” (ANZALDÚA, 2012, p. 20) ¹⁷

Ao tratar do aspecto linguístico-identitário que compõe a análise, materializada pela capacidade de Anzaldúa de escrever a partir da língua da fronteira, língua essa que, conscientemente, comunica-se tanto com os chicanos, quanto cumpre seu papel de tocar o leitor nativo de língua inglesa, comenta-se brevemente a ideia de *code-switching*, a partir de Hanna que, em texto de 2016, recorre à ideia própria de *bricolagem*, uma vez que, ao aludir à justaposição de signos culturais (acrescente-se, linguísticos), antes desconectados, juntam-se para estabelecer um processo de ressignificação – novos códigos, em novos contextos, para tanto, a pesquisadora cita Barker, “*objetos que carregavam significados simbólicos sedimentados são ressignificados em relação a outros artefatos em circunstâncias novas*” (BARKER apud HANNA, 2016, p. 268). Nesse sentido, existe a possibilidade de exploração de expectativas aparentemente dissonantes, mas que poderá, de algum modo, facilitar uma melhor compreensão na comunicação, semelhante a uma *bricolagem* em que se adiciona significados criados por novas justaposições de duas (ou mais) línguas.

Sobre o “*The switchingof ‘codes’*”, indicada por Anzaldúa acima, é possível complementar o entendimento,

Passível de ser denominada uma espécie de *bricolagem linguística*, permite, dentre outros recursos utilizados na comunicação, uma mistura de línguas – a nativa e a língua-alvo – em um incessante *code-switching*. Peculiaridade de aprendizes iniciantes, consiste em uma prática de deslocar-se entre duas línguas ou entre dialetos ou registros em uma mesma língua. Também comum em sociedades multilíngues e

¹⁷ The switching of ‘codes’ [...] from English to Castilian Spanish to the North Mexican dialect to Tex-Mex to sprinkling of Náhuatl to a mixture of all of these, reflects my language, a new language—the language of the Borderlands.

multiculturais, o *code-switching* pode funcionar como um facilitador de relacionamentos interpessoais, marcador de identidades específicas ou ainda para criar significados especiais. (HANNA, 2016, p. 267)

Dessa forma, retomando a citação de Anzaldúa, presente na 1ª edição do prefácio de *Borderlands*, nota-se o objetivo de contextualização, ou melhor, de explicação aos leitores do motivo que a levou a utilizar o *code-switching* em sua obra, “A mudança de ‘códigos’ [...] do inglês para o castelhano espanhol para o dialeto mexicano do norte para Tex-Mex para aspersão do Náhuatl.[...]”¹⁸ Continua elucidando que se trata da mistura de todas essas línguas que refletem a sua língua, uma nova língua, a língua da fronteira.

Acrescente-se que, segundo Anzaldúa, a junção dessas culturas configura-se em uma polinização que revitaliza as línguas que nascem e morrem. A exemplo do “*Chicano Spanish*”, uma língua “bastarda”, infantil, segundo ela, que não é aprovada por nenhuma sociedade, mas que representa os chicanos e “Nós já não sentimos que precisamos implorar entrada, que nós necessitamos sempre fazer a primeira abertura - para traduzir aos anglos, aos mexicanos e aos latinos, a desculpa que saiu de nossa boca com cada etapa”¹⁹ (ANZALDÚA, 2012, p. 20). Essa afirmação corresponde ao empenho da escritora em mostrar que há um contexto linguístico diretamente ligado à identidade cultural chicana, que lhes permite representar seus sentimentos, que lhes dá autoconfiança e, acima de tudo, lhes delega poder cultural do seu povo, no qual, os contatos linguísticos em sociedades multilíngues e multiculturais, podem configurar-se na expressão de uma identidade única.

Para tanto, ao enfatizar que os chicanos não precisam mais implorar por acesso, Anzaldúa sinaliza que a língua da fronteira já está estabelecida, e que ela já não mais precisa realizar uma escrita focada

¹⁸ The switching of ‘codes’ [...] from English to Castilian Spanish to the North Mexican dialect to Tex-Mex to sprinkling of Náhuatl.

¹⁹ [...] we no longer feel that we need to beg entrance, that we need always to make the first overture—to translate to Anglos, Mexicans and Latinos, apology blurting out of our mouths with every step.

nos “Anglos”, “Mexicanos” e “Latinos”, mas, em ‘sua língua’, a ‘língua da fronteira’.

Ainda na esteira de Hanna, a pesquisadora contribui com esta pesquisa ao dialogar não somente com a conceitualização de Michael Agar, de *língua cultura*, com base na variabilidade semântica e pragmática da prática linguística, mas na busca da comunicação intercultural, no sentido de que intenções língua culturais estão ligadas a condições variáveis, social e pessoalmente, mas igualmente com Karen Risager, quando afirma que funcionam como uma ponte entre a estrutura da língua e o idioleto pessoal socialmente constituído, de tal modo que “um processo dialógico, uma negociação de significado passa a existir” (HANNA, 2017, p. 172).

Dessa forma, entende-se que os elementos linguísticos apresentados por Anzaldúa são somados à sua preocupação cultural, manifestada por toda obra. A linguagem utilizada, seja por meio da prosa ou poesia, na utilização do *code-switching*, ultrapassa sua função representativa do povo chicano, e alcança a representação de todos aqueles que se identificam com o texto anzalduano, a exemplo de latinos, *gays*, mulheres, homens que entendem a necessidade de promover a descolonização do conhecimento e a multiplicação do respeito pelo outro. Assim, recorrendo à citação de Clifford Geertz (1989, p. 103), “a cultura é um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas” - a apreciação de cultura como um modo de vida, no sentido de que a língua fornece significado aos objetos materiais e às práticas sociais, tornando-os compreensíveis nos termos que a língua delimita, atesta o que aqui se pretendeu alcançar. Ou seja, Anzaldúa projetou em sua obra o modo de vida dos seres da fronteira, dando-lhes voz por meio de sua própria língua.

Conclui-se essa reflexão com um fragmento de um texto ainda inédito, catalogado durante visita realizada a *Latin American Colection - Gloria Evangelina Anzaldúa Papers, 1942-2004*, na biblioteca Nettie Lee

Benson²⁰, da Universidade do Texas, em Austin – Estados Unidos, no qual Anzaldúa posiciona seu pensamento sobre a questão do *code-switching* e de que maneira ao projetar essa ação em sua escrita, consegue cumprir seus objetivos enquanto chicana, mulher e intelectual. Para Anzaldúa:

Busco o hibridismo como uma estratégia política de resistência a ambas as culturas que exercem pressão sobre Chicanos / Latinos para que nos assimilam ou nos isolam. A hibridização é uma estratégia política de resistência às pressões assimilacionistas e isolacionistas das fronteiras. Nosso uso do bilinguismo e mudança de código é uma tática para resistir à aculturação da cultura dominante branca e da língua inglesa, assim como o espanhol tradicional. Como subjetividades híbridas, nos / otras lãs mestizas contêm dentro de nós tanto a voz do dominador quanto a voz do opositor.²¹

De todo o exposto, o fragmento coloca em destaque o posicionamento engajado de Anzaldúa com o movimento de resistência contra a imposição de cultura sobre os chicanos e latinos. Ao afirmar que o *code-switching* se trata de uma “tática de resistência à aculturação diante da cultura branca dominante e da língua inglesa”, ela dialoga com o prefácio de *Borderlands*, estabelecendo que, a escolha pelo bilinguismo e o *code-switching* estão atravessadas pelo resgate da identidade linguística chicana e a promoção de sua emancipação perante a cultura dominante. Observa-se aí, a oportunidade de se ouvir as vozes que compõem a identidade chicana, tanto do dominante quanto daqueles que lutam pela resistência. Nesse contexto, a

²⁰ A utilização dos arquivos sob a guarda da Universidade do Texas respeitou o estabelecido no termo de responsabilidade assinado pelo pesquisador Carlos Figueiredo. O texto citado foi encontrado no computador da escritora chicana e ainda não foi publicado.

²¹ Miro el hibridismo como una estrategia política de resistencia a ambas culturas que ejercen presión sobre Chicanos/Latinos para que nos asimilemos o que nos aislemos. Hibridization is a political strategy of resistance to both the assimilationist and isolationist pressures of the borderlands. Our use of bilingualism and code switching is a tactic to resist acculturation to the white dominant culture and the English language as well as traditional Spanish. As hybrid subjectivities, nos/otras las mestizas contain within us both the voice of the dominator and the voice of the resister. (Texto de 31/10/1997-Encontrado no laptop de Anzaldúa. O arquivo está intitulado como: Nepantla: In/Between and Shifting: Theories of Composition and Art. p.3. ANZALDÚA, Benson Library-Texas University at Austin. Gloria Evangelina Anzaldúa Papers, 1942-2004)

dimensão alcançada pelas palavras de Anzaldúa fez com que a fronteira começasse a ser (re)pensada a partir dos excluídos e marginalizados, pessoas que vivem o entre-lugar no seu conflito diário. Tal dimensão também propiciou aos próprios criadores das fronteiras visíveis e invisíveis ²² que voltassem seus olhares para a realidade vivida até o momento naquele entre-lugar. Um entre-lugar geográfico, cultural, psicológico e de crenças aniquiladas.

Conclui-se que a escrita e a produção de Anzaldúa está para além da letra, constituída por uma epistemologia agramatical que proporciona aos seus leitores pensar para além do colonialismo estabelecido, e se disponha a se descolonializar. Nesse cenário, ao rasurar a letra do poder, do pensamento hegemônico, da cultura branca e xenófoba, Anzaldúa retoma o debate sobre o papel do intelectual na contemporaneidade, possibilitando uma autocrítica a partir de sua autohistória, em *Borderlands*.

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- AGAR, M. *Language Shock: understanding the culture of conversation*. New York: William Morrow, 1994.
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

²²Aqui se faz referência a governos e governantes que estabelecem processos de separação entre povos e países, seja por meio de muros ou por legislações que promovem segregação. Acerca desta questão, observe-se os seguintes textos jornalísticos: TAUB, A e FISHER, A. *Trump's Immigration Order Tests Limits of Law and Executive Power*. New York Times, jan. 30, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/01/30/us/politics/trump-immigration-muslim-ban.html?_r=0>. Acesso em: 08 mar. 2017. SHEAR, M. e COOPERJAN. H. *Trump Bars Refugees and Citizens of 7 Muslim Countries*. New York Times, 27, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/01/27/us/politics/trump-syrian-refugees.html?hp&action=click&pgtype=Homepage&clickSource=story-heading&module=a-lede-package-region®ion=top-news&WT.nav=top-news&_r=0>. Acesso em: 08 mar. 17. Ambos os textos evidenciam o movimento de fechamento e exclusão que o governo do Presidente Donald Trump passou a promover. Nesse sentido, as palavras de Anzaldúa ganham força e renovam a necessidade de se (re) discutir as interrelações, sejam sociais, culturais e econômicas nas/das fronteiras.

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. 4th edition. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- BARKER, C. *The SAGE Dictionary of cultural studies*. London: Sage Publications, 2004.
- BENSON, Library. Texas University at Austin. Gloria Evangelina Anzaldúa Papers, 1942-2004. Disponível em: <<http://www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00189/lac-00189.html#a0>> Acesso em: 10 abr. 2015.
- BOWEN, Diana Isabel. *Visuality and the Archive: The Gloria Evangelina Anzaldúa Papers as Theory of Social Change*. Tese de doutorado. 199f. The University of Texas at Austin, 2010.
- ELIOT, T.S. *Notes towards the Definition of Culture*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1949.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. [1973]. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos. 1989.
- HANNA, Vera L. Harabagi. A pedagogia cultural no ensino de línguas estrangeiras: tempos vividos, tempos viventes. *Todas as letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 264-276, maio/ago, 2016.
- HANNA, Vera L. Harabagi. A experiência do Cotidiano em J.M. Coetzee: Língua e Identidade em *Boyhood, scenes of provincial life*, a memoir (1998). In: *Revista todas as letras*. São Paulo, 2017.
- KEATING, A.L. (Ed.). *The Gloria Anzaldua Reader*. Durham: Duke University Press, 2009.
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- RISAGER, K. Intercultural Learning: Raising Cultural Awareness. In: EISENMANN, M.; SUMMER, T. (Ed.). *Basic Issues in EFL Teaching and Learning*. Heidelberg: Universitätsverlag WinterGmbH, 2012.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco; KUDO, Humberto Igor. Riscos de um bordado: a narrativa chicana em *Borderlands* de Gloria Anzaldúa. In: GUERRA, Vânia; ENEDINO, Wagner; NOLASCO, Edgar. (Org.). *Estudos de Linguagens: diversidade e ensino*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 131-146.
- TORRES, Sonia. *Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.